

“*Reject Modernity, Embrace Tradition*”: criação de histórias alternativas no Fascismo Esotérico e suas transmissões no tempo presente

Victoria Brum Vargas¹

Resumo: Poucas ramificações da extrema direita são tão peculiares quanto a corrente ideológica do Fascismo Esotérico. Definido como conjunto de crenças e práticas discursivas capazes de oferecer interpretações místicas de ideais fascistas, começou a desenvolver-se no início do século XX, com maior tração no pós-guerra: entretanto, é na virada do século XXI que o discurso fascista esotérico populariza-se em nichos extremos, com a internet e comunidades *online*. Com o crescimento de movimentos neofascistas a nível global recentemente, observa-se a difusão destes discursos para fora de suas bolhas. Norteando-se por Louie Dean Valencia-Garcia (2020) e seu conceito de *Alt-Histories*, o artigo trata sobre como o Fascismo Esotérico constrói narrativas revisionistas sobre um passado mítico e promove uma história alternativa do Ocidente. Também observa-se o emprego destas narrativas no tempo presente, e como uma linguagem adaptada ao meio *online* torna-se uma ferramenta para atingir um público maior.

Palavras-chave: Fascismo Esotérico; Histórias alternativas; História Digital.

“*Reject Modernity, Embrace Tradition*”: Esoteric Fascism’s creation of alt-histories and their transmissions in the present time

Abstract: Few ramifications in the far right are as peculiar as the ideological current of Esoteric Fascism. Defined as the set of discursive practices and beliefs capable of offering mystical interpretations of fascist ideals, it began to develop itself in the early 20th century, gathering traction post World War II: however, it is after the turn to the 21st century that esoteric fascist discourse became truly popular in extreme niches, with the internet and online communities. With the recent growth of neo-fascist movements globally, the diffusion of such discourse outside of its original circles is observed. Guided by Louie Dean Valencia-Garcia (2020) and his concept of *Alt-Histories*, this article addresses how esoteric fascism builds revisionist narratives about a mythical past and promotes an alternative history of the West. Furthermore, it observes the employment of such narratives in the present time, and how the usage of a language adapted to the online medium becomes a fundamental tool in order to reach a broader audience.

Keywords: Esoteric Fascism; Alt-histories; Digital History.

“REJECT MODERNITY, EMBRACE TRADITION”: CRIAÇÃO DE HISTÓRIAS
ALTERNATIVAS NO FASCISMO ESOTÉRICO E SUAS TRANSMISSÕES NO TEMPO
PRESENTE

VARGAS, V. B.

Introdução: o que é Fascismo Esotérico?

Uma peculiar corrente ideológica das ramificações da extrema direita, podemos definir Fascismo Esotérico como o conjunto de crenças e práticas discursivas capazes de oferecer interpretações místicas de ideais fascistas: mas para além desta breve definição, é necessária uma breve recapitulação de suas origens para se entender melhor do que se trata. Uma das principais bases intelectuais do pensamento fascista esotérico vem da escola do Tradicionalismo, desenvolvida pelo escritor e esoterista francês René Guénon (1886-1951) nas primeiras décadas do século XX, combinando inspirações de religiosidades orientais, como o sufismo e o hinduísmo, com um sentimento pessimista em relação ao presente. Aqui, destaca-se três pontos importantes do pensamento de Guénon, que serão detalhados a seguir: o perenialismo, uma visão cíclica da história e a ideia de um declínio da modernidade ocidental.

Com a crença no perenialismo, se sugere que haveria uma verdade primordial capaz unir todos os principais sistemas de crenças do mundo e que teria sido apresentada nos primórdios da humanidade de maneira transcendental. Para Guénon, essa verdade primordial é então o que ele denomina como Tradição, um conjunto de princípios universais que sustentariam todas as religiões e sistemas de pensamento presentes, e que seria um elemento essencial para toda e qualquer sociedade.

Instead tradition is a set of universal principles that underpin all modern religions and systems of thought. Tradition is the primordial basis of all ancient thought. Tradition is what is elemental – or ‘principal’ as he often denotes it – and necessary for any society: it is not merely wisdom but *the* wisdom, and so we can speak of Tradition rather than a series of traditions.^{II}

Na visão do Tradicionalismo, não existe uma progressão linear de acontecimentos: a história é entendida como um sempre-constante declínio de uma era de ouro para uma era das trevas. E para Guénon, a humanidade, especialmente no Ocidente, se encontraria neste último período de declínio, chamado de Kali Yuga, inspirado no hinduísmo. Ele culpa o advento da modernidade por esse declínio, com a Renascença e a Reforma Protestante tendo colocado o profano acima do sagrado e impulsionado os presentes valores de materialismo, individualismo e progresso da sociedade ocidental contemporânea. Estes valores teriam feito com que as principais religiões perdessem seu elemento esotérico e as pessoas se distanciassem da Tradição. Tendo isso em vista, Guénon então coloca que a meta do Tradicionalismo seria de formar uma nova “elite” capaz de interpretar e conservar a Tradição, assim como entender a importância do esotérico, executando-se isso ao participar de formas conhecidas de espiritualidade esotérica, ao exemplo do sufismo, que foi aderido pelo próprio Guénon e por vários de seus seguidores.

Apesar de no início, com Guénon, o Tradicionalismo não ter um alinhamento político explícito^{III} e adotar uma atitude mais passiva e fatalista quanto ao declínio da modernidade, muitos de seus elementos acabaram sendo interligados com outras correntes de pensamento esotéricas presentes na primeira metade do século XX. Destaca-se aqui a influência da Ariosofia, conjunto de sistemas que combinam pensamento esotérico - em especial da Teosofia de Helena Blavatsky e sua teoria das “Raças-raiz”, estágios da evolução humana na cosmologia teosófica - com nacionalismo germânico *Völkisch*, em busca de criar teorias sobre uma origem mítica da raça ariana e uma religiosidade original germânica. O pensamento da Ariosofia dá vida e promove narrativas como a existência de Hiperbórea, suposta civilização ancestral muito desenvolvida no extremo Norte, que teria sido o berço de uma raça ariana inicialmente semi-divina, mas que teria então se “degenerado” com a miscigenação.

“REJECT MODERNITY, EMBRACE TRADITION”: CRIAÇÃO DE HISTÓRIAS
ALTERNATIVAS NO FASCISMO ESOTÉRICO E SUAS TRANSMISSÕES NO TEMPO
PRESENTE

VARGAS, V. B.

Nesse contexto, outros autores acabaram por desenvolver o pensamento tradicionalista e suas três principais características - perenialismo, visão cíclica da história e ideia de um declínio da modernidade ocidental - unido aos elementos da Ariosofia e suas narrativas mitológicas da raça ariana, de forma que o estabeleceria no campo dos fascismos. O maior expoente disso é o italiano Julius Evola, até hoje uma das principais influências de movimentos neofascistas. Evola desenvolve uma atuação diretamente política - e com alinhamento fascista explícito - do tradicionalismo: aqui, a Tradição, a verdade primordial, teria valores absolutos sobre autoridade, hierarquia, ordem e disciplina. Além disso, há um desprezo pela modernidade e suas ideias de progresso, igualdade e democracia, considerados responsáveis pelo declínio da modernidade. Junto de Evola, dois outros nomes relevantes são Savitri Devi e Miguel Serrano. Nascida na França como Maximiani Julia Portas, Savitri Devi foi uma forte simpatizante nazista e posteriormente propagandista neonazista, que serviu de principal inspiração para Serrano, diplomata chileno e também ativista neonazista. Eles aprofundam as inspirações do hinduísmo na construção de uma narrativa esotérica fascista. Combinado às proposições do Tradicionalismo e de Evola, se tem a ideia de que no apocalipse final do Kali Yuga, haverá a aparição de Kalki - que no hinduísmo é o décimo avatar de Vishnu - e ele irá destruir toda a podridão da era das trevas e por fim abrir caminho para o surgimento de um novo Satya Yuga - a era dourada. Adolf Hitler teria sido a primeira manifestação deste avatar no presente ciclo temporal, mas seria apenas questão de tempo para uma nova aparição.

Em comum destes três autores, destaca-se a presença de um forte sentimento anti-cristão: aqui, o advento do cristianismo e seu estabelecimento não é considerado um fenômeno genuinamente europeu, e seu surgimento é lido como um dos catalisadores do Kali Yuga. Inclusive, Evola era grande admirador do paganismo e Serrano em muitos momentos faz paralelos com a mitologia nórdica em seus escritos. Além disso, há um grande antissemitismo e a crença em uma guerra espiritual oculta entre as divindades arianas e as “Forças Semitas das Trevas” (Cristianismo, Judaísmo, Islamismo)^{IV}.

A key concern for the radical right is religious and cultural preservation and resurrection. These ideas are often directly coupled to esoteric notions and politicized neopaganism, as well as attacks against Christianity, which is perceived as being the cause of the decline and degeneration of the modern age and the attendant promulgation of its values of liberalism, capitalism and egalitarianism.^V

Dessas combinações de influências e novas interpretações dos conceitos do Tradicionalismo, começa a se formar o que se define como Fascismo Esotérico, e aqui se julga interesse expor a síntese de Gustaf Forsell a respeito:

Esoteric fascism here designates a diverse current in the fascist political family, aspiring national or racial rebirth by promoting ideas of hidden gnosis centered on racial divinity, such as, for instance, that the Nordic race first materialised in an ethereal habitat located in the North^{VI}

Diferente de Guénon, surge uma postura mais reacionária diante dos ciclos da história e o entendimento de que o mundo se encontra no Kali Yuga: é necessário tomar medidas para preservar a raça ariana nos tempos sombrios para se chegar à ascensão na eventual vinda do Satya Yuga. Busca-se então formas de resgatar o que se considera que são os valores originais arianos e rejeitar as ideias “degeneradas” da modernidade. Essa busca é tão central em muito pela forma como o Fascismo Esotérico coloca uma constante ênfase na existência de um passado glorioso e

**“REJECT MODERNITY, EMBRACE TRADITION”: CRIAÇÃO DE HISTÓRIAS
ALTERNATIVAS NO FASCISMO ESOTÉRICO E SUAS TRANSMISSÕES NO TEMPO
PRESENTE**

VARGAS, V. B.

perfeito da raça ariana, com uma origem divina que foi degenerada e esquecida pelo tempo e pela contaminação de forças sombrias, mas que há a possibilidade de se acessar essa glória e conhecimento abandonados e restaurá-los. Há muito que se pode adicionar e ponderar além sobre o Fascismo Esotérico, mas neste artigo se preferiu ater à questão das narrativas de passados míticos mencionada no parágrafo anterior. A proposta deste texto será a de refletir sobre esse ponto tomando como referência o conceito proposto por Louie Dean Valencia-Garcia^{VII} de Histórias Alternativas - no texto original em inglês, *Alt-Histories* -, a ideia de como movimentos de extrema direita criam narrativas históricas deliberadamente distorcidas com o objetivo de legitimar sua ideologia e crenças - pensando como o Fascismo Esotérico constrói narrativas revisionistas sobre um passado mítico e se usando da ideia de promoção de um “conhecimento oculto” para estabelecer uma história alternativa do Ocidente alinhada com sua cosmovisão. Além disso, no segmento final deste texto pretende-se fazer uma breve observação de como elementos dessas histórias alternativas são empregadas no Tempo Presente, em especial no meio *online* e nas linguagens usadas no ciberespaço, como os memes.

Histórias Alternativas, definições e seus usos

Mesmo que possa parecer para olhares não-treinados, o que se denomina aqui como histórias alternativas - tradução livre do conceito original em inglês *Alt-histories*, elaborado pelo historiador Louie Dean Valencia-Garcia - pouco tem a ver com a disciplina de História, não tendo um compromisso com honestidade histórica ou um desejo genuíno de se entender o passado. Diferente de um processo de produção histórica padrão, que requer fundamentações teórico-metodológicas e um rigor acadêmico na interpretação de fontes para se fazer uma nova contribuição, as histórias alternativas não são apenas uma diferença interpretativa ou uma revisão de fatos históricos. Elas são distorções e fabricações deliberadas, construídas por grupos de extrema direita, que descontextualizam fragmentos históricos e rejeitam evidências concretas com o objetivo de legitimar suas ideologias e crenças.

Historians always disagree, but on some level, they still engage with those with whom they disagree as long as those disagreements are made in good faith—this is why historians study historiography, or the history of history. Alt-histories, unlike history itself, reject fact and a genuine interest in knowledge or historical inquiry. Alt-histories use decontextualized historical fragments to legitimate ideology or belief first and foremost, and not to understand how things came to be. Alt-histories are an attempt to change political and historical narratives as part of what many Identitarians call a ‘meta-political’ strategy to legitimate their beliefs.^{VIII}

Etimologicamente, o prefixo *Alt* advém tanto do fato que essas narrativas fabricam fatos alternativos sobre os acontecimentos e estabelecem uma história paralela ao que se tem como consenso acadêmico e científico, quanto é também feita uma referência a *Alt-right*, movimento estadunidense de extrema direita neofascista que ascendeu em proeminência com as eleições de 2016, cuja produção de histórias alternativas a respeito dos Estados Unidos e do Ocidente é um elemento importante de sua estratégia política. Valencia-Garcia estabelece sete meios pelas quais histórias alternativas são criadas. E estas são:

Alt-histories are created by: (1) historical denial, which can include abject rejection of archives and historical evidence; (2) belief in cyclical, or teleological, history which assumes where we are going or where we have been; (3) declination narratives which assume a theory of degeneracy in place of understanding of change; (4)

“REJECT MODERNITY, EMBRACE TRADITION”: CRIAÇÃO DE HISTÓRIAS
ALTERNATIVAS NO FASCISMO ESOTÉRICO E SUAS TRANSMISSÕES NO TEMPO
PRESENTE

VARGAS, V. B.

mythologisation that is created when facts are replaced with chimeras; (5) nostalgia for an imagined past that often supposes both a declination and attempts to selectively exclude or underline historical facts and narratives; (6) ahistoricism based purely on untruth; and (7) through often fragmented and biased ways history is remembered and portrayed in popular public memory (films, textbooks, television shows, etc.)^{IX}

Tendo em conta estes elementos, pode-se pensar em como as visões de história da humanidade que se tem no Fascismo Esotérico - e suas elaborações origens da raça ariana, um passado glorioso, de uma era dourada que foi se degenerando até chegar nas trevas e que pode mais uma vez retornar - tem grande potencial para serem lidas como histórias alternativas, contempladas em mais de uma das sete categorias apresentadas por Valencia-Garcia, o que será mais bem delineado nos parágrafos a seguir.

Para fins ilustrativos, apresenta-se a concepção de origem da raça ariana do esoterismo Miguel Serrano. De acordo com ele, o homem ariano - ou como os chama, os deuses brancos do Norte, filhos do Sol Negro, os Aesir e Vanir - tiveram uma origem extraterrestre numa Hiperbórea espiritual. Entrando em uma guerra maniqueísta com demiurgo Yahweh, o deus que comanda a terra material, os deuses brancos se materializaram em uma alta civilização no Norte, Asgard ou Ultima Thule, no Polo Norte. Durante o Satya Yuga, os deuses brancos de Asgard começaram a espiritualizar a terra e desenvolveram várias técnicas de elevação da consciência, incluindo várias formas de Kundalini Yoga, pela qual o homem, nas subsequentes e mais depravadas eras cósmicas, poderia se reconectar com a sua natureza hiperbórica e reascender pela divindade. Depois do cataclisma que encerrou o Satya Yuga e deu origem ao Treta Yuga^X, alguns dos deuses arianos se deslocaram para Agartha e Shambhala na Terra Interior por meio de entradas nos Himalayas e no deserto de Gobi, enquanto outros saíram para conquistar o mundo e deram as bases de todas as impressionantes altas civilizações do mundo antigo, na qual pirâmides, ruínas de templos, cidades perdidas, esculturas e escrituras sagradas ancestrais foram testemunhadas. Subsequentemente, essas civilizações foram todas corrompidas pela miscigenação e ruíram, sendo parte da espiral decrescente até se chegar na podridão do Kali Yuga.^{XI}

Em respeito ao segundo ponto de Valencia-Garcia, a crença em uma história cíclica é um dos elementos mais centrais do pensamento do Fascismo Esotérico, e isto também se interliga com o ponto 3, sobre a narrativa de declinação. Estes aspectos estão explícitos na narrativa de Serrano, em que se tem uma ideia de eras, que se tem a primeira era dourada, que vai se degenerando até chegarmos numa era das trevas e que se recomeça esse ciclo, e também a narrativa de declinação, em que a humanidade foi cada vez se degenerando mais e mais, até chegar no ponto presente.

Também é importante delinear a questão da mitologização da história e do uso de fragmentos do imaginário popular do passado. A maior parte dos elementos da narrativa de Serrano não são criações novas. A ideia de uma grandiosa civilização em um passado e localização remotos é um tropo com uma tradição muito extensa no pensamento científico e esotérico, desde narrativas sobre Atlântida na Antiguidade Clássica^{XII}, assim como a teoria sobre a existência de territórios no interior da terra, vindo da tradição budista tibetana a história de Shambhala como uma cidade subterrânea; os Aesir e os Vanir são os dois grupos de deuses da mitologia nórdica, e Asgard o lar do primeiro grupo.

São selecionados pontos específicos de narrativas mitológicas religiosas diversas, como da mitologia nórdica e do hinduísmo, que são então fragmentados, tirados em seus contextos, e realocados e ordenados dentro de uma grande nova narrativa paralela, que se pretende como história da humanidade de uma maneira completamente a-histórica, sem qualquer embasamento teórico, preocupação com rigor histórico ou mesmo ligação concreta com documentações, criada

“REJECT MODERNITY, EMBRACE TRADITION”: CRIAÇÃO DE HISTÓRIAS
ALTERNATIVAS NO FASCISMO ESOTÉRICO E SUAS TRANSMISSÕES NO TEMPO
PRESENTE

VARGAS, V. B.

com o objetivo de validar uma visão específica sobre o mundo. Nesse caso, o objetivo é legitimar a crença em um projeto de supremacia branca, sustentando-se em uma narrativa mitológica da história que coloca os supostos descendentes arianos como herdeiros de um posto divino que pode ser restaurado ao se combater as degenerações da era presente. Argumenta-se aqui que, então, as narrativas de origem da raça ariana e do passado mítico, da humanidade e do Ocidente, podem ser exemplos bastante ilustrativos de uma história alternativa do Fascismo Esotérico.

Fascismo Esotérico no Tempo Presente

Apesar de já existir elaborações que se enquadrem nas características de Fascismo Esotérico desde finais do século XIX, com a Ariosofia e outros momentos *völkisch* esotéricos germânicos, assim como também no início do século XX com os primeiros escritos de Julius Evola e Savitri Devi, é depois a segunda guerra mundial que o Fascismo Esotérico se torna torna-se mais inserido dentro da direita radical, anteriormente tido como uma vertente muito mais obscura deste campo político.

Alguns autores argumentam que isso se dá muito principalmente por causa da necessidade ao final da guerra de ter explicações do porquê o projeto fascista foi derrotado. Por exemplo, é no pós segunda guerra que Savitri Devi e Miguel Serrano desenvolvem os textos fundacionais do que chamam de “Hitlerismo esotérico”. Entretanto, esta expansão não se deve apenas aos esoteristas fascistas: após a Segunda Guerra Mundial, em especial nos anos 1960, se observa um *boom* de obras de ficção nazista, popularizando o tema de esoterismo ligado à extrema direita. Um exemplo precursor é *Le Matin des Magiciens* (1960), de Louis Pauwels e Jacques Bergier, obra que mistura ficção e realidade, retratando Hitler como possuído por uma entidade demoníaca. Depois desta, seguiram-se várias outras obras, colocando-se como ficcionais ou não, que pretendiam explorar um lado oculto e místico do nazismo alemão. Esta popularização de representações esotéricas de Hitler e do regime nazista, mesmo que em larga escala ficcionais ou semificcionais, reavivaram um interesse no esoterismo de extrema direita, e acabaram por criar ao menos parte das bases do esoterismo do neofascismo contemporâneo, que acaba direta ou indiretamente se utilizando de algumas das ideias destes textos especulativos esotéricos.^{XIII}

Outro elemento interessante é a roupagem mais pessimista em que alguns autores esoteristas fascistas assumem após a derrota da segunda guerra. Evola, paralisado das pernas após um bombardeio em 1945, começa a direcionar seus escritos para a prática política, num tom tomado por desesperança e o desenvolvimento de um “nihilismo ativo”^{XIV}. Isso é visto em seu livro *Cavalcare la Tigre* (1961): no mundo pós-guerra dominado pelo progressismo e consumismo, não há mais o que ser salvo e restaurado do Ocidente. Nos estágios finais do Kali Yuga, seria necessário de utilizar de todos os meios, incluindo violência, para defender a raça ariana e impulsionar a vinda de uma nova era, ponto de vista que vai influenciar fortemente ativismo e terrorismo de cunho neofascista.

Nas décadas recentes, o uso do esoterismo dentro do neofascismo assume tanto a adaptação de seus simbolismos por questões primariamente estéticas, como, de forma mais aprofundada, a apropriação também de suas ideologias e mitologias. Há o surgimento também de novos pensadores alinhados com temas do esoterismo fascista. Um exemplo é Alain de Benoist, fundador da *Nouvelle Droite* francesa e filósofo neofascista, fortemente influenciado por Julius Evola e defensor da existência de Thule/Atlântida. Também é fundamental citar Alexandr Dugin, filósofo russo e o principal proponente de ideias ligadas ao Fascismo Esotérico na contemporaneidade. Dugin é auto denominadamente tradicionalista, escrevendo diversas obras sobre esta corrente de pensamento, além de referir a René Guénon e Julius Evola como grandes inspirações, tendo

“REJECT MODERNITY, EMBRACE TRADITION”: CRIAÇÃO DE HISTÓRIAS
ALTERNATIVAS NO FASCISMO ESOTÉRICO E SUAS TRANSMISSÕES NO TEMPO
PRESENTE

VARGAS, V. B.

inclusive traduzido e publicado a versão russa de *Imperialismo Pagano* (1928), de Evola^{XV}. Além disso, já escreveu sobre outros elementos da mitologia do Fascismo Esotérico, com a existência de Hiperbórea^{XVI}.

Entretanto, o auge da popularidade de ideias, elementos e símbolos esotéricos só vem a chegar com o advento da Internet. Com o mundo *online*, novas traduções de autores esotéricos surgem e elementos e textos que eram antes nichados começam a circular com muito maior intensidade e acesso a públicos diversos. E assim, Fascismo Esotérico acaba se tornando um tópico comum em fóruns e grupos online neofascistas, principalmente na cultura de *chans*, debatido com frequência nos espaços e muitos seus elementos acabam inclusive se tornando símbolos neofascistas, como Sol Negro, que é amplamente reproduzido por movimentos neofascistas ao redor do mundo. E além de serem reproduzidos e utilizados esses conceitos, muito dessa ideologia e desses elementos também são reimaginados e reproduzidos na forma de memes.

On these chan boards, as well as on other social media platforms, occult symbols such as the Black Sun, which had been in use amongst Aryan and Satanist subcultures for decades, are combined with contemporary subcultural web aesthetics of ‘vaporwave’ images (nostalgic for an imagined cyberpunk past future), in order to create a new genre of so-called ‘fashwave’ memes.^{XVII}

Em algumas buscas nesse espaço online ou em pesquisas na internet, consegue-se observar uma abundância de imagens humorísticas, memes com conteúdo que faça referência direta ou indiretamente a elementos narrativos do Fascismo Esotérico. Uma frase que se popularizou muito é o meme *“Reject Modernity, Embrace Tradition”* - em tradução livre “rejeite a modernidade, abraça a tradição” -, em que comumente é colocado um contraponto entre um elemento que é considerado parte da “sociedade moderna” visto uma luz negativa - em grande maioria, críticas a inclusão de minorias, multiculturalismo e direitos das mulheres - e então algo que seria considerado uma alternativa seria parte do passado cultural ocidental branco que deveria ser resgatado, assim como outras variações sobre rejeição do mundo moderno. Em geral, esse gênero imagem faz uma referência direta aos elementos das narrativas de declinação da modernidade chamado por um retorno, um passado mítico e glorioso que se deve restaurar.

Também se verifica nesse espaço online a presença de muitas referências mais diretas ao Fascismo Esotérico, como diversas menções ao Kali Yuga e ao ciclo de eras da humanidade. Além disso, há presença de memes que fazem referência às narrativas de origem mítica da raça ariana, por exemplo sobre Hiperbórea, Thule e Atlântida, que reproduzem de uma maneira simplificada e humorística a existência dessas histórias alternativas sobre a humanidade e a supremacia branca.

Apesar de que, para um internauta leigo no assunto, ou numa análise rápida, muitas dessas imagens serem de menor preocupação no grande panorama das ações de extrema-direita no tempo presente, não se pode ignorar como os memes conseguem usar a linguagem complexa de uma corrente de pensamento do Fascismo Esotérico e suas narrativas e dar uma forma contemporânea e simplificada, se tornando muito mais acessível para públicos diversos. Além disso, pode-se argumentar que a apropriação humorística e irônica de elementos neofascistas é uma parte de sua estratégia política, como colocado por Marc Tuters como “nazismo não irônico se mascarando como nazismo irônico”^{XVIII}.

At the same time, however, they can also be understood as hacking exploits that seek to metaphorically “inject” radical ideas into everyday political discourse. To this end, they often attempt to use the youth-cultural posturing as a technique by which to dissimulate their true (political) intentions.^{XIX}

“*REJECT MODERNITY, EMBRACE TRADITION*”: CRIAÇÃO DE HISTÓRIAS ALTERNATIVAS NO FASCISMO ESOTÉRICO E SUAS TRANSMISSÕES NO TEMPO PRESENTE

VARGAS, V. B.

Uma estratégia que se tornou extremamente comum na direita radical nos últimos anos é de se utilizar da postura e linguagens da cultura internet como uma técnica de simular projetos políticos e de introjetar ideias muito mais nichadas e extremas do neofascismo dentro de um público mainstream, e o uso pretensamente irônico dessas para divulgar ideias extremas genuínas, acaba sendo uma ferramenta muito eficaz para fazer com que pessoas “comuns” que não têm conhecimento de tal histórico e a respeito de elementos neofascistas, acabem propagando esses memes, fazendo a exposição de conteúdos extremos a um público muito maior do que se fosse utilizado um discurso direto destes temas.

Specific to the alt-right, however, is how reactionary politics are buried in layer upon layer of irony, thereby making it practically impossible to determine who is a “true believer” and who is not.^{XX}

Imagem 1. Meme neofascista com o personagem Shrek.^{XXI}



Fonte: <https://knowyourmeme.com/photos/1871290-reject-modernity-embrace-tradition>

Como exemplo disso, na figura acima, temos um *meme* envolvendo o personagem Shrek, protagonista da famosa animação da fantasia homônima da DreamWorks (2001), com a legenda “*reject modernism, take back your swamp*” (tradução livre: “rejeite o modernismo, tome de volta o seu pântano”). Enquanto num primeiro olhar não haveria alguma mensagem que causasse alarme, onde poderia se supor que a legenda estivesse fazendo referência ao próprio personagem Shrek, que é um ogro que vive em um pântano, destaca-se a presença também de um Sol Negro no centro da imagem, que dá uma sinalização silenciosa do alinhamento neofascista do meme e sobre o verdadeiro tom da mensagem: não está se falando sobre retomar um pântano literalmente, e sim um apelo para retomada do que se consideraria o “Ocidente”.

Inclusive, vendo o contexto de crescimento de movimentos neofascistas a nível global na última década, também muito impulsionado por eleições de líderes de direita conservadora em diversos países como Estados Unidos, Reino Unido e Brasil, percebe-se que há uma difusão de

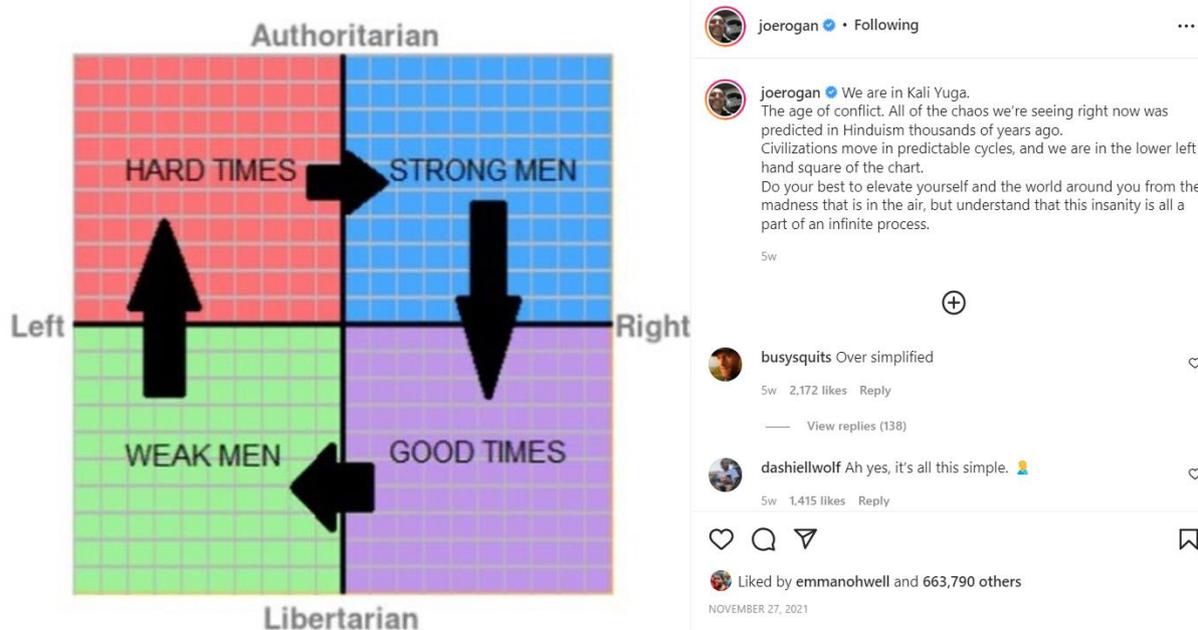
“REJECT MODERNITY, EMBRACE TRADITION”: CRIAÇÃO DE HISTÓRIAS ALTERNATIVAS NO FASCISMO ESOTÉRICO E SUAS TRANSMISSÕES NO TEMPO PRESENTE

VARGAS, V. B.

discursos extremos, que estavam antes restritos a bolhas muito mais nichadas das redes sociais, para o mainstream, incluindo elementos e conceitos esotéricos, se percebe até mesmo a adesão e reprodução desse discurso por figuras públicas de extrema direita. Um exemplo disso é o Joe Rogan, que apresenta o maior podcast do mundo, e que, em 2020, fez várias menções ao Kali Yuga tanto em seu programa quanto em uma postagem no Instagram em 2021 (figura abaixo). Nessas novas elaborações é inegável que essa estratégia, a cultura de memes, e a propagação irônica de conteúdos extremos têm tido um papel fundamental para a expansão de narrativas extremas.

[...] during this period of time there appeared to be a relationship of influence moving from the ‘fringe’ to the ‘mainstream’—whereby far-right imagery that had originated in political discussion forums on websites like 4chan would regularly show up in people’s social media feeds.^{XXII}

Imagem 2. Postagem de Joe Rogan em seu perfil do Instagram, onde ele faz menção ao Kali Yuga.^{XXIII}



Fonte: https://www.instagram.com/p/CWxaIYWFvFH/?utm_source=ig_embed&utm_campaign=loading.

Considerações Finais

Em resumo, o fenômeno do Fascismo Esotérico, embora enraizado nos obscuros recantos do início do século XX, encontrou uma ressonância preocupante na era digital do tempo presente. Este artigo se esforçou para traçar a linhagem dessa ideologia desde a sua concepção nas interpretações místicas do Tradicionalismo e Ariosofia, passando pela sua fusão pós-Segunda Guerra Mundial com movimentos de extrema direita, até a sua iteração atual dentro de comunidades online. A construção de histórias alternativas serve como o alicerce sobre o qual o Fascismo Esotérico se apoia, tecendo narrativas revisionistas de um passado mítico para promover uma história alternativa do Ocidente que se alinha com suas visões de mundo esotéricas e supremacistas.

“REJECT MODERNITY, EMBRACE TRADITION”: CRIAÇÃO DE HISTÓRIAS
ALTERNATIVAS NO FASCISMO ESOTÉRICO E SUAS TRANSMISSÕES NO TEMPO
PRESENTE

VARGAS, V. B.

Através da lente do conceito de Histórias Alternativas - *Alt-Histories* -, de Louie Dean Valencia-Garcia, dissecar-se como o Fascismo Esotérico emprega negação histórica, visões históricas cíclicas e narrativas de declínio para mitologizar e invocar um passado imaginado, tudo com o objetivo de legitimar uma visão ideológica futura em que suas visões são realizadas. A paisagem digital moderna, com sua cultura de memes e postura irônica, provou ser um veículo potente para disseminar essas ideias, frequentemente envoltas em camadas de ironia que obscurecem suas raízes extremistas.

A ascensão de movimentos neofascistas e a popularização de seus discursos outrora marginais sublinham a urgência de entender e confrontar essas narrativas. Não basta descartá-los como meras piadas online; eles são uma estratégia metapolítica que carrega o potencial de moldar o discurso público e influenciar paisagens políticas.

Ao concluir este artigo, se enfatiza como crucial atender ao chamado para se permanecer vigilante e engajado criticamente. O reino digital é a nova fronteira onde batalhas sobre história, cultura e verdade estão sendo travadas. É imperativo que se confronte essas histórias alternativas não apenas como acadêmicos, mas como cidadãos informados, garantindo que as marés obscuras do Fascismo Esotérico não encontrem seu caminho nas correntes subterrâneas de consciência coletiva da sociedade.

Notas

^I Mestranda do Programa de Pós-Graduação em História da Universidade Federal de Santa Maria (UFSM). Sob orientação do Prof. Dr. Francisco de Paula Souza de Mendonça Júnior. Este texto foi feito com financiamento pela CAPES/DS. E-mail: vicbvargas@gmail.com

^{II} KING, 2015, p. 310

Tradução própria: Alternativamente, a tradição é um conjunto de princípios universais que sustenta todas as religiões e sistemas de pensamento modernos. A tradição é a base primordial de todo pensamento antigo. A tradição é o que é essencial - ou 'principal' como ele frequentemente denota - é necessário para qualquer sociedade: não é meramente sabedoria, mas sim, a(em itálico) sabedoria, e então nós podemos falar da Tradição no lugar de uma série de tradições.

^{III} Entretanto, embora Guénon se considerasse como “apolítico” e feito críticas aos regimes totalitários da Alemanha e Itália da década de 1930 (ACCART, 2015), é possível argumentar que as ideias de “decadência do mundo” e restauração da Tradição se associam a tropos muito comuns do pensamento fascista.

^{IV} GARDELL, 2022, p. 140

^V SENHOLT, 2013, p. 246

Tradução própria: Uma preocupação central para a extrema-direita é a preservação e ressurreição religiosa e cultural. Essas ideias são frequentemente diretamente associadas a noções esotéricas e neopaganismo politizado, bem como ataques contra o Cristianismo, que é percebido como sendo a causa do declínio e degeneração da era moderna e a consequente promulgação de seus valores de liberalismo, capitalismo e igualitarismo

^{VI} FORSELL, 2022, p.115

Tradução própria: Fascismo esotérico designa aqui uma corrente distinta na família política fascista, que aspira ao renascimento nacional ou racial por meio da promoção de ideias de gnose oculta centradas em divindade racial, como, por exemplo, a de que a raça nórdica se materializou pela primeira vez em um habitat etéreo localizado no Norte

^{VII} Discussão no livro *Far-right revisionism and the end of history: alt / histories* (2020)

^{VIII} VALENCIA-GARCIA, 2020, p. 9.

Tradução própria: Os historiadores sempre discordam, mas em algum nível, eles ainda se engajam com aqueles de quem discordam, desde que essas discordâncias sejam feitas de boa fé - é por isso que os historiadores estudam historiografia, ou a história da história. As histórias alternativas, diferentemente da própria história, rejeitam os fatos e um interesse genuíno no conhecimento ou na investigação histórica. As alter-histórias usam fragmentos históricos descontextualizados para legitimar a ideologia ou a crença, antes de tudo, e não para entender como as coisas aconteceram. As histórias alternativas são uma tentativa de mudar as narrativas políticas e históricas como parte do que muitos identitários chamam de estratégia “metapolítica” para legitimar suas crenças

^{IX} VALENCIA-GARCIA, 2020, p. 9.

**“REJECT MODERNITY, EMBRACE TRADITION”: CRIAÇÃO DE HISTÓRIAS
ALTERNATIVAS NO FASCISMO ESOTÉRICO E SUAS TRANSMISSÕES NO TEMPO
PRESENTE**

VARGAS, V. B.

Tradução própria: Histórias alternativas são criadas por: (1) negação histórica, que pode incluir a rejeição total de arquivos e evidências históricas; (2) crença em uma história cíclica ou teleológica, que pressupõe para onde estamos indo ou de onde viemos; (3) narrativas de declínio que supõem uma teoria de degeneração no lugar do entendimento da mudança; (4) mitologização que é criada quando fatos são substituídos por quimeras; (5) nostalgia por um passado imaginado que frequentemente pressupõe tanto um declínio quanto tentativas de excluir ou sublinhar seletivamente fatos e narrativas históricas; (6) ahistoricismo baseado puramente na inverdade; e (7) por meio de formas frequentemente fragmentadas e tendenciosas com as quais a história é lembrada e retratada na memória pública popular (filmes, livros didáticos, programas de televisão, etc.)

^X No hinduísmo, nome dado à segunda era do universo.

^{XI} GARDELL, 2022, p. 142

^{XII} TUTERS, 2020, p.188

^{XIII} SENHOLT, 2013, p.252

^{XIV} GOODRICK CLARKE, 2003, p. 67

^{XV} SENHOLT, 2013, p. 253

^{XVI} SENHOLT, 2013, p. 253

^{XVII} TUTERS, 2021, p. 173

Tradução própria: Nessas *chan boards*, bem como em outras plataformas de mídia social, símbolos ocultos, como o Sol Negro, que foram usados entre as subculturas arianas e satanistas por décadas, são combinados com a estética de subcultura da *Web* de imagens “vaporwave” (nostálgicas de um futuro passado *cyberpunk* imaginado), a fim de criar um novo gênero, chamados de memes “*fashwave*”.

^{XVIII} TUTERS, 2021, p. 174

^{XIX} TUTERS, 2021, p. 173

Tradução própria: Ao mesmo tempo, no entanto, eles também podem ser entendidos como explorações de *hacking* que procuram injetar metaforicamente ideias radicais no discurso político cotidiano. Para esse fim, eles frequentemente tentam usar a postura cultural juvenil como uma técnica para dissimular suas verdadeiras intenções (políticas).

^{XX} TUTERS, 2021, p.174

Tradução própria: Específico da alt-right, no entanto, é como a política reacionária é enterrada em camada após camada de ironia, tornando assim, praticamente impossível determinar quem é um 'verdadeiro crente' e quem não é.

^{XXI} <https://knowyourmeme.com/photos/1871290-reject-modernity-embrace-tradition>. Acesso em: 29 de Maio de 2024

^{XXII} TUTERS, 2021, p. 174

Tradução própria: Como nossa pesquisa anterior demonstrou, durante esse período parece ter surgido uma relação de influência se movendo da 'margem' para o 'mainstream' — onde imagens de extrema-direita que se originaram em fóruns de discussão política em sites como o 4chan passaram a aparecer regularmente nos feeds de mídias sociais das pessoas.

^{XXIII} https://www.instagram.com/p/CWxaIYWFvFH/?utm_source=ig_embed&utm_campaign=loading. Acesso em: 25 de Novembro de 2023

Referências bibliográficas

ACCART, Xavier. Guénon: critique des régimes totalitaires dans les années 1930. **La Règle d’Abraham**, v. 11, n. 1, 2015.

ASPREM, Egil; GRANHOLM, Kennet. **Contemporary Esotericism**. New York, Ny: Routledge, 2013.

GOODRICK-CLARKE, Nicholas. **Black sun : Aryan cults, esoteric Nazism, and the politics of identity**. New York, London: New York University Press, 2003.

KARCHER, Nicola; LUNDSTRÖM, Markus. **Nordic Fascism**. [s.l.]: Taylor & Francis, 2022.

PARTRIDGE, Christopher H. **The occult world**. Abingdon, Oxon: Routledge, 2015.

“*REJECT MODERNITY, EMBRACE TRADITION*”: CRIAÇÃO DE HISTÓRIAS
ALTERNATIVAS NO FASCISMO ESOTÉRICO E SUAS TRANSMISSÕES NO TEMPO
PRESENTE

VARGAS, V. B.

SENHOLT, Jacob C. Radical Politics and Political Esotericism: The Adaptation of Esoteric Discourse within the Radical Right. *In*: ASPREM, Egil ; GRANHOLM, Kennet (Orgs.). **Contemporary Esotericism**. New York, Ny: Routledge, 2014.

SERGE NOIRET; TEBEAU, Mark ; GERBEN ZAAGSMA. **Handbook of Digital Public History**. [s.l.]: Walter de Gruyter GmbH & Co KG, 2022.

STEINHAUER, Jason. **History, disrupted : how social media and the world wide web have changed the past**. Cham, Switzerland: Palgrave Macmillan, 2022.

TUTERS, Marc. Esoteric Fascism Online: 4chan and the Kali Yuga. *In*: VALENCIA-GARCÍA Louie Dean (Org.). **Far-right revisionism and the end of history : alt / histories**. New York: Routledge Taylor & Francis Group, 2020.

TUTERS, Marc. Fashwave and the False Paradox of Ironic Nazism. **Krisis | Journal for Contemporary Philosophy**, v. 41, n. 1, p. 172–178, 2021.

VALENCIA-GARCIA, Louie Dean. Far-right revisionism and the end of history. *In*: VALENCIA-GARCÍA, Louie Dean (Org.). **Far-right revisionism and the end of history: alt / histories**. New York: Routledge Taylor & Francis Group, 2020.